

Tomando as rédeas: um estudo etnográfico da participação feminina e das relações de gênero no turfe brasileiro

Miriam Adelman (UFPR)

Fernanda Azeredo de Moraes (UFPR)

Recebimento/Aprovação:

Artigo recebido em julho de 2008 e aprovado para publicação em julho de 2008

Resumo:

Após uma breve discussão sobre a história do turfe no Brasil e suas dimensões de gênero, apresentamos alguns aspectos de uma pesquisa etnográfica em andamento no Jockey Club do Paraná. As principais questões que focalizamos aqui dizem respeito às dificuldades da participação feminina num meio ainda dominado por relações de *homossociabilidade*, no qual as veterinárias representam uma categoria profissional relativamente nova e as jockeys, como atletas e mulheres advindas de um meio popular ou proletária, precisam empreender uma árdua luta para conquistar um espaço de atuação.

Palavras-chave: turfe brasileiro; lazer e cultura urbanos; gênero e espaço; mulheres atletas; masculinidades.

Abstract:

After a brief discussion of the history of the turf in Brazil and its gender dimensions, we present some early results from our current ethnographic study at the racetrack (Jockey Club do Paraná). We focus particularly on the difficulties of women's entrance in a milieu where homosocial relations prevail. While women veterinarians represent a new and relatively accepted professional category there, female jockeys, as young women who are largely of poor and working class background, must engage in an arduous struggle to carve a niche for themselves.

Keywords: the Brazilian turf, leisure and urban culture, gender and space, women athletes, masculinities.

1. Introdução: o turfe, a “modernização esportiva” e as relações de gênero.

Estudar o campo esportivo do turfe brasileiro traz à tona uma série de debates teóricos extremamente relevantes para a atualidade. Tendo se passado de “primeiro esporte organizado sobre bases modernas no Brasil” (Melo, 2006) para um terreno esportivo que se vê ameaçado pela perda de popularidade e participação, diz respeito a mudanças culturais históricas e atuais que são objeto de amplo debate nas ciências

sociais contemporâneas: as relações entre a cultura e o lazer das elites, a cultura popular e gênese da cultura de massas (fenômeno histórico que consolida-se no pós-guerra) e os entrecruzamentos de classe, raça e gênero embutidos nestes processos.

O turfe é implantado na sociedade carioca do século XIX como parte da missão das elites brasileiras de tornar o Brasil parte do “mundo civilizado”, mas o processo de seu estabelecimento envolveu a apropriação do entusiasmo e interesse popular em tradições de corrida de cavalo que pertenciam ao meio rural. Como Melo (ibidem) mostra, as tentativas de subordinar as formas mais tradicionais e populares deste esporte eqüestre à organização centralizada, burocratizada e mediada pelo mercado foram muito claras. Trata-se de um caso “clássico” de elites modernizantes agindo como grupo com interesses definidos, que conseguiram impor os contornos desejados aos costumes pré-existentes, assim como gerar novo interesse na modalidade. Seu êxito demonstrou-se na criação de uma estrutura esportiva com “uma forte inserção social, manifesta inclusive em sua presença na imprensa da época, na afluência de grande público aos hipódromos (desde os mais populares até a família Real e depois presidencial) e ao impacto que tinha nas estruturas cotidianas da cidade” (ibidem, p. 3).

Os esportes eqüestres populares, como as conhecidas “corridas de cancha reta” não desapareceram - são tradições que se mantêm até hoje - senão continuaram sendo praticados num mundo relativamente afastado dos esportes organizados sobre bases comerciais, capitalistas e burocráticas. Talvez por isto seja possível pensá-los como “espaços de resistência popular” – o que a sua vez, exemplificaria uma instância de distanciamento, ainda relativo, entre “cultura popular” e “cultura de massas”¹. Por outro lado, como Melo assinala, o turfe encontrou uma receptividade popular urbana grande nos seus primeiros tempos e até hoje parece promover um trânsito entre “dois

¹ Autores como Raymond Williams, Stuart Hall e Nestor Canclini servem de referências para esta discussão.

mundos” através da procura de pessoas do meio rural e semi-rural que nele procuram inserção no mercado de trabalho (e mundo da vida) urbanos.² E como devemos ter sempre presente, o que é “lazer” para uns, para outros é trabalho³; a expansão de formas organizadas de lazer urbano podem portanto também serem analisados na sua estreita relação com o próprio mundo do trabalho, com os Jockey Clubes como claro exemplo deste entrelaçamento.

Por outro lado, desde a perspectiva de gênero - perspectiva que ingressa nas análises contemporâneas da cultura levantando questões que geralmente vinham sendo ignoradas ou mal compreendidas nas perspectivas canônicas (Hall, 2003; Adelman, 2004)- a transição de jogo, festividade ou competição popular para “esporte moderno” ganha uma outra dimensão que permite problematizações mais complexas sobre esporte, cultura e poder. Nos incentiva a pensar nas relações de poder de gênero que operam também nas “práticas populares”. Neste caso específico, as tradições populares vinculadas a atividades que tornam-se posteriormente, “esporte moderno”, não parecem ter gerado muito espaço para a participação feminina. Ao mesmo tempo, a “organização do esporte (turfe) sobre bases modernas” não parecer tê-lo aberto, nas suas fases iniciais, para a participação das mulheres. Mas a pesquisa que iniciamos sobre o turfe brasileiro e cujos resultados iniciais apresentamos em baixo estuda principalmente o momento atual, fase na qual –e num contexto de mudança generalizado nas relações de gênero – alguns mulheres vêm conquistando uma maior participação neste mundo tão majoritariamente masculino.

² Dos que praticavam “esportes eqüestres” em comunidades rurais e semi-rurais, alguns têm chances de ser tornar jóqueis (poucos); outros ganham a vida com o cavalo em funções ainda subordinados como “tratadores”, outros como treinadores etc.

³ Este é um ponto devidamente enfatizado por Jarvie e Maguire (1994) no seu excelente livro, *Sport and Leisure in Social Thought*, simultaneamente introdutório e complexo, sobre a sociologia do esporte e do lazer.

2. O turfe como “espaço de homossociabilidade”.

Estudar os espaços dos Jockey Clubes brasileiros se enriquece a partir de algumas considerações específicas sobre *espaço e lugar*.⁴ Como o caso do Jockey Clube do Paraná, lócus do nosso estudo de campo, estes clubes constituem-se como uma espécie de *espaço urbano* particular, estabelecido com finalidades de lazer e sociabilidade e afastado, em termos relativos, do tipo de atividades que caracterizam as atividades corriqueiras da vida cidadina. Neste sentido também, sua constituição como espaço profundamente *generificado* pode ser ressaltada, os diferenciando por exemplo de uma grande parte dos “espaços públicos” ocupados cotidianamente, pelo menos desde a segunda parte do século XX, por mulheres e homens em proporções relativamente parecidas.

Para os pesquisadores que desde Simmel adotam uma abordagem fenomenológica para estudar o espaço e as relações sociais, as pessoas “*make place as well as social structure*” (Low e Zuniga, p. 5). Assim, estudar como os sujeitos se relacionam com o espaço, e como se relacionam com *outros* no espaço, pode revelar muito sobre as complexas dinâmicas da vida social, seus conflitos, hierarquias e também seus momentos de construção de relações de reciprocidade. Contudo, as relações de gênero vinham sendo pouco abordadas na sua dimensão espacial, e muito menos quando se tratava dos espaços “públicos”. As pesquisadoras Zuñiga e Low

⁴ Existe hoje em dia um reconhecido campo de estudo e teorização antropológica e sociológica sobre espaço e lugar. Tem raízes na discussão simmeliana que percebe que a sociabilidade tem uma dimensão espacial importante. Assim como a cidade não é, para ele, “*a spatial entity with sociological consequences, but a sociological entity that is formed spatially*”, a “*sociação*” simmeliana implica no uso e na experiência do espaço, e aponta para alguns aspectos concretos que merecem nossa atenção: *For Simmel, sociation involves the use and experience of space. Sociation involves sharing space. In this way social relations can be said to assume a spatial form. This space/place forms as a context for action. Several basic qualities of sociation involving a spatial dimension are identified by Simmel. These include: the exclusivity or uniqueness of space, the partitioning of space; the degree of fixity that space offers to social forms; spatial proximity and distance and finally movement through space.*” (Jarvie e Maguire., 1994:39)

chamam a atenção para esta lacuna, e oferecem uma definição clara e útil de espaços generificados, ou *gendered spaces*, para ajudar na elaboração de novas reflexões: “*particular locales that cultures invest with gendered meanings, sites in which sex-differentiated practices occur, or settings that are used strategically to inform identity and produce and reproduce asymmetrical gender relations of power and authority*” (ibidem, p. 7)

Se há uma tendência histórica nos estudos feministas e de gênero, de priorizar o estudo dos espaços do lar, do doméstico, isto obedece a uma certa lógica - a de fazer estes espaços emergir da invisibilidade ou menosprezo que caracterizava as formas mais convencionais das ciências sociais tratarem “o feminino”. Mas também pode ter desestimulado os estudiosos a estudar outros espaços na sua dimensão *generificada*. Se por um lado a teoria social e literatura modernas tenderam a absolutizar a exclusão das mulheres dos espaços públicos (Felski, 1995), com as mudanças nas relações de gênero que vem ocorrendo desde a segunda metade do século XX, torna-se ainda mais necessário ampliar esta perspectiva de pesquisa, para incluir outros espaços sociais em transformação. Assim, estudar um espaço historicamente construído como masculino desde esta perspectiva de gênero significa elaborar uma série de perguntas que têm o potencial de fazer emergir dinâmicas tanto profundas e “estruturantes” quanto comumente ignorados, como as que nos elaboramos aqui, para nortear nossa pesquisa: Como é que diversos grupos de homens agem nesta construção? Quais as mulheres que chegaram (ou chegam) a transitar por esses espaços, e em que condições? Quais as experiências destas mulheres, e como tendem a ser representadas?

Um primeiro trânsito pelo espaço/lugar que é o Jockey Clube do Paraná nos levou a pensá-lo como *espaço de homosociabilidade*, conforme o conceito desenvolvido por Eve Kosofsky Sedgwick no seu trabalho pioneiro (1985). Ao voltar

seu olhar, forjado na teoria feminista dos anos 70 e 80, para os padrões de sociabilidade e interação entre homens no espaço público – e conforme representados na literatura inglesa da época - ela traz à descoberta uma dimensão até então insuficientemente estudada e elaborada, da construção de espaços e discursos onde a exclusão das mulheres é um elemento central para o tipo e o conteúdo de laços sociais (e também, por vezes, sexuais e eróticas) *entre homens* ⁵.

Nos anos 80 e 90 – pouco depois da publicação livro de Kosofsky Sedgwick - no mundo inteiro e sendo rapidamente incorporado nos estudos de gênero no Brasil (cf. Ribeiro e Ferraz, 2007) floresce a produção teórica e a pesquisa empírica e histórica sobre masculinidades. O estudioso Robert Connell (1995a;1995b), grande pioneiro desta área, propõe uma forma de pensar gênero e poder capaz de complexificar nossa compreensão do masculino e dos homens como atores sociais. “Os homens” não podem ser pensados em termos monolíticos, pois inserem-se na ordem de gênero, assim como no mundo social em geral, de formas muito diferenciadas, envolvendo uma gama de fatores desde os relativos à posição social “objetiva”, recursos materiais e simbólicos, e subjetividades. A “masculinidade hegemônica” é a categoria que Connell desenvolve para referir-se a um grupo que se define por serem homens que pertencem à elite também em termos de classe e raça/etnicidade e ocupam uma posição social superior não só relativa s mulheres, senão a outros homens (proletários, ou gays, por exemplo).

⁵ Uma importante explicação dada, logo de início, pela autora, é a seguinte: “ ‘Homosocial’ is a word occasionally used in history and in the social sciences, where it describes social bonds between persons of the same sex; it is a neologism, obviously formed by analogy with ‘homosexual’, and just as obviously meant to be distinguished from ‘homosexual’. In fact, it is applied to such activities as ‘male bonding’ which may, in our society, be characterized by intense homophobia, fear and hatred of homosexuality. To draw the ‘homosocial’ back into the orbit of ‘desire’, of the potentially erotic, then, is to hypothesize the potential unbrokenness of a continuum between homosocial and homosexual- a continuum whose visibility, for men, in our society, is radically disrupted. It will become clear, in the course of my argument, that my hypothesis of the unbrokenness of this continuum is not a **genetic** one – I do not mean to discuss genital homosexual desire as ‘at the root of’ other forms of male homosociality – but rather as a strategy for making generalizations about, and marking historical differences in, the **structure** of mens’ relations with other men.” (ibidem, p.1-2) A questão de classe, ela adverte, é também fundamental, constituindo um princípio de heterogeneidade e assimetria que por sua vez mantém um caráter constitutivo nas relações estabelecidas como “homossociais”.

Nas suas discussões teóricas e empíricas, desenvolvidas a partir de realidades culturais diferentes das latino- americanas, enfatizam-se as divisões entre os homens, que os separam e os organizam hierarquicamente mesmo tendo em vista a existência do “dividendo patriarcal” que reverte para todos eles, dada a persistência de estruturas materiais e simbólicas da dominação masculina.

Falando desde a realidade ibero-americana, o antropólogo português Miguel Vale de Almeida (2000) começa seu estudo sobre sociabilidade masculina numa aldeia portuguesa definindo a masculinidade hegemônica como um “modelo cultural ideal” que “não sendo atingível por praticamente nenhum homem, exerce sobre todos os homens um efeito controlador, através da incorporação, da ritualização das práticas da sociabilidade cotidiana e de uma discursividade que exclui todo o campo emotivo considerado feminino” (p.17). Trabalhos brasileiros recentes (cf. Ribeiro e Ferraz, 2007) estudam mudanças que podem estar ocorrendo num modelo cultural, tendendo a identificar nas “camadas médias”, uma abertura a atitudes antes tidas como marcadoras do feminino (e, portanto, profundamente estigmatizadoras para os homens), principalmente relativas à estética corporal, envolvimento familiar, e expressão de emoções. Mas não parece haver muito consenso relativo às mudanças atuais na cultura e sociedades brasileiras. Oliveira (2003) enfatiza a resistência à flexibilização dos comportamentos masculinos particularmente dentre as camadas populares, e Cecchetto (2004) defende que a “crise da masculinidade” apontada por autores de outras partes do mundo não seria aplicável à sociedade brasileira contemporânea, na qual ainda prevalece o “complexo honra e vergonha masculina” das sociedades mediterrâneas.

Contudo, mesmo se reconhecendo a importância de pesquisar as especificidades das culturas latinoamericanas e a brasileira em particular, indagando sobre a possível “inexistência” da crise, as mudanças nas relações de gênero atualmente em curso devem

abrir algum espaço para uma deslegitimação da dominação masculina que Connell (1995b) percebe como *global*, e que deve-se em grande parte às várias décadas de ação dos movimentos sociais - particularmente o feminismo, e o movimento gay - que promovem a problematização das atitudes masculinas. Estes movimentos têm presença forte no Brasil desde os anos 80.

Observação feita durante muitos meses no Jockey Club no Paraná nos permite pensar que neste espaço de presença majoritariamente masculina no qual misturam-se lazer e trabalho de forma particular, se desenvolve uma forma de homossociabilidade significativa, particularmente por englobar homens de classes e posições sociais diferentes ⁶. Neste sentido, parece pertinente pensar a noção de homossociabilidade na sua relação com alguns traços culturais brasileiros observados por antropólogos e historiadores que geralmente não exploraram suas possíveis dimensões de gênero. Nos referimos, entre outros, ao conhecido conceito de *homem cordial* como forma de sociabilidade que ao mesmo tempo em que fomenta a convivência entre pessoas que talvez noutras sociedades não teriam muito espaço de troca e interação informais - fora das relações institucionalizadas e regimentadas como por exemplo as do trabalho - também serve para mascarar as hierarquias e desigualdades sociais e a violência que faz parte destas relações. Pensamos que no contexto específico do Jockey, a *cordialidade* observada entre homens de posições sociais diferentes - que se desenrola num espaço que mistura trabalho, lazer e esporte de uma forma particular - talvez se viabilize, antes de mais nada, pela forma que sustenta vínculos de identificação baseados em gênero (que permitem, de forma forte embora temporária, transcender essas “outras” desigualdades). Para poder explorar mais esta hipótese, uma identificação dos *tipos de masculinidade* que ali se encontram e se constroem seria um primeiro passo - desde a

⁶ Hipótese que encontrou apoio em entrevista nossa feita em outubro, 2006, com o ex-jocquei JR

“masculinidade hegemônica” dos proprietários e criadores, até os “tratadores” ou cavaleiros que ocupam o nicho mais baixo na hierarquia masculina de posição social e status.⁷

E é neste contexto que torna-se ainda mais interessante estudar o que acontece com a entrada (recente e ainda muito minoritária) das mulheres em cena. Em entrevistas iniciais, poucos homens expressaram atitudes abertamente hostis à nova participação de mulheres no mundo do Clube – sendo as mais notáveis, as veterinárias, as jóqueis (“jocquetas”) e as aprendizes que entraram na Escola de Aprendizes do JCP. As percepções das mulheres, no entanto, tendem a apontar para uma realidade mais complexa e conflituosa, como costuma ser quando se trata do ingresso feminino nos espaços histórica, social e culturalmente tidos ou construídos como masculinos. As experiências das mulheres na sua inserção profissional nesse espaço (focalizando os dois grupos de mais presença profissional, as jóqueis e as veterinárias) tornam-se, desta forma, material fundamental para nossa pesquisa. No caso das jóqueis, sua inserção como atletas e competidoras traz à tona toda uma série de discussões de trabalhos nossos anteriores, sobre *mulheres no esporte* e nos esportes equestres em particular.

3. Mulheres no Esporte: Corporalidades e Subjetividades

Eu sempre amei os cavalos, e adorava montar na fazenda da minha família... Mas não sabia, de fato, montar... Então quando vi isso aqui [prova de salto na Sociedade Hípica Paranaense], fiquei maluca. Meu Deus do Céu, que maravilha! Falei para meus pais que estava a fim de entrar na Hípica para aprender a montar e eles disseram que não, que é muito perigoso, para menina não!

- Adriana, entrevistada, amazona e veterinária.

O campo das práticas esportivas e corporais é, com certeza, um terreno extremamente fértil para testar hipóteses sobre as mudanças nas relações e

⁷ Parece, por enquanto, possível afirmar que não só os cavaleiros senão também os jóqueis pertencem em grande parte às camadas de pessoas deslocadas por processos recentes que mexeram com a estrutura da vida rural e do emprego.

representações de gênero na sociedade contemporânea, um lugar particularmente sensível para indagar os rumos de uma cultura em transição – transição para padrões mais igualitários, mais “andróginos”, ou talvez, avançando embora lentamente no sentido de uma certa “despadronização”. O esporte, em particular, tornou-se durante mais de um século, o lugar de disputas intensas sobre o que pode/deve fazer um “corpo masculino” ou um “corpo feminino”, tanto pelo lugar central que ocupava na construção de novas formas mais “pacificadas” da construção da masculinidade (Oliveira, 2004) quanto pelo que isto poderia significar para as mulheres que, desde a segunda metade do século XIX vinham lutando contra normas de feminilidade que, como explica Maria Rita Kehl (1998), estreitavam demais os roteiros que elas tinham à disposição para a construção de uma vida. Essa feminilidade impunha a domesticidade como “norma” – embora esta de fato tenha sido “privilégio” de raça e classe – e implicava em fortes controles sobre os corpos das mulheres – sua sexualidade, sua liberdade de movimento, e seu uso do espaço urbano no qual o esporte e as atividades físicas tornavam-se uma forma de lazer cada vez mais visível. É para esse contexto que Silvana Goellner, historiadora do esporte e da educação física, fala do mundo esportivo como um território “permeado por ambigüidades... simultaneamente, fascinava e desassossegava homens e mulheres, tanto porque contestava os discursos legitimadores dos limites e condutas próprias de cada sexo, como porque, por meio de seus rituais, fazia vibrar a tensão entre a liberdade e o controle das emoções, e também de representações de masculinidade e feminilidade”.(Goellner, 2004:367) Goellner, junto com o que hoje são muitas outras estudiosas da área do esporte, põe a nossa disposição a história da luta de mulheres que em muitas partes do mundo foram as pioneiras na abertura do mundo do esporte à participação feminina, que chega nos últimos tempos a um momento em que as mulheres participam de quase todas as *modalidades* esportivas, embora a maior

parte destes esportes ainda organizem-se pelas categorias de “sexo” (gênero)⁸ e continue sendo comum ver emergir polêmicas que tem como sub-texto, ansiedades relativas aos limites da desconstrução das fronteiras entre os sexos (gêneros).

Por outro lado, nossa atual “cultura da transição” traz algumas dificuldades particulares, de caráter teórico, para quem trabalha na área de estudos de gênero, e para quem deseja estudar o esporte como espaço de transgressão – e/ou de normatização – de identidades e corporalidades generificadas. Pois resulta cada vez mais complicado abordar temáticas sobre “identidades” e subjetividades na sua relação com o gênero, e os perigos de reproduzir as antigas dicotomias que homogeneízam as categorias de “homem” e “mulher” parecem enormes, especialmente num momento em que movimentos sociais e culturais ressaltam a presença de pessoas transgêneros assim como de diversas formas de produzir “interrupções subversivas” nas cadeias de significação que a teórica *queer* Judith Butler aponta como a base discursiva da ordem de gênero fundada numa “matriz heterossexual”.⁹ Exigem-se complexas problematizações da relação entre “biologia” e “cultura”, das diversas capacidades, destrezas e formas expressivas dos corpos e das pessoas, e sobre as múltiplas possibilidades de re-significação fornecidas pela cultura pós-moderna atual (a partir, com certeza, de persistentes lutas, conflitos, e negociações). Mas ao mesmo tempo, como a filósofa feminista Susan Bordo (1994) nos adverte, estamos ainda longe de um momento “pós-gênero”, as práticas subversivas ainda não se afirmam como majoritárias, e a cultura pós-moderna, atrelada ainda aos discursos hegemônicos disseminados poderosamente nos meios de comunicação de massas, produz a cada

⁸ Aparentemente no esporte, se estaria trabalhando com essa “diferença mínima” da anatomia dos corpos, mas como aponta Judith Butler, valer-se de uma distinção sexo (biológico) /gênero (cultura e “papel social”) merece problematização, sendo que tal distinção pressupõe que teríamos acesso a algum momento prévio à cultura e a nosso próprio esforço cognitivo e linguístico de apropriação do mundo.

⁹ A correspondência normativamente imposta, entre os termos: macho/homem/masculino/objeto de desejo=mulher; fêmea/mulher/feminino/objeto de desejo=homem.

momento novas formas de disciplinar corpos e sujeitos, segundo critérios dicotômicos e desiguais sobre o que pode/dever ser e fazer, uma mulher, ou um homem.

A escritora feminista Susan Brownmiller alguma vez definiu *a feminilidade como estética da limitação*. Se com isso resumem-se os impulsos dominantes de vários séculos de cultura moderna, entende-se bem porque o esporte – prática que convoca, pelo menos nas suas modalidades competitivas, a “desafiar os limites” das competências corporais - iria tornar-se um cenário de muitos conflitos e lutas sobre o que pode ser/fazer uma mulher. Para as mulheres, torna-se uma disputa por acesso a espaços, legitimidade, e recursos materiais e simbólicos, que encena de forma muito sensível, a luta maior para ter controle sobre o próprio corpo, e sobre a vida. É um conflito que envolve uma série de atores sociais: homens e mulheres como indivíduos e como familiares, o Estado (com um grande investimento na definição de “deveres”, “direitos” e “funções sociais” para cada sexo)¹⁰, profissionais da saúde e da educação, a imprensa e as novas instituições esportivas, entre outros.

O avanço das mulheres no mundo do esporte, desde o espaço muito limitado que tinham na época em que a noção de fragilidade feminina imperava, até a gradual conquista de atuação esportiva diversificada tanto a nível do esporte amador quanto profissional, é um fenômeno amplamente reconhecido hoje em dia. Mas, como comentamos acima, continua sendo um terreno muito sensível e que potencialmente pode nos dizer muito sobre o *status* atual das mudanças sociais e culturais no âmbito das relações de gênero. Quais as conseqüências maiores da atuação esportiva das mulheres numa cultura que supostamente abandonou o ideal da “fragilidade feminina” e embarcou na construção normativa de uma “cultura *fitness*”? Quais as representações hegemônicas das atletas na mídia? A antiga preocupação com a “masculinização” das

¹⁰ No Brasil, o Estado não hesita em promover legislação que proíbe a participação das mulheres em determinadas atividades esportivas. (Goellner, op. cit.)

mulheres que se dedicam ao esporte continua pautando comportamentos e julgamentos?

E - talvez a questão mais interessante ainda – como é que as próprias atletas vivem e interpretam suas experiências no mundo do esporte, e o que podemos dizer sobre as formas em que a prática de esporte, a nível profissional e/ou amador, estruturam a subjetividade e a identidade das mulheres que se envolvem nela?

Noutro lugar (Adelman, 2004) discutimos uma questão cultural que nos pareceu muito significativa, a recorrente associação simbólica entre o cavalo, o ato (prática) de cavalgar e a liberdade feminina, tanto na literatura e nas tradições populares¹¹ quanto nos depoimentos de amazonas entrevistadas (ibidem). Para estas, a participação no esporte e no mundo eqüestre constitui a base de uma identidade da qual o desafio às convenções sociais da feminilidade faz parte, e da qual elas não pretendem abrir mão. Parece exemplificar o que muitas pesquisadoras da área de gênero e esporte vêm procurando – as formas em que participação esportiva das mulheres possa fomentar o *empoderamento feminino*, individual e coletiva, e ajudar a desconstruir poderosas normas sociais baseadas nas dicotomias e hierarquias de gênero. Era também uma identidade assumida por elas, em termos basicamente individuais. No entanto, comparações das falas das amazonas com os discursos de mulheres atletas noutros esportes levam a crer que trata-se de uma participação esportiva com características particulares marcantes, que contrastam com outras modalidades esportivas nas quais o policiamento dos comportamentos (por possíveis transgressões à feminilidade normativa), exigências de exposição do corpo (um belo corpo feminino para imagens

¹¹ Desde algumas lendas antigas até romances modernos (ou num senso comum que aparece, muitas vezes, expresso na linguagem do imaginário masculino que sexualiza estas amazonas) Um exemplo particularmente interessante que encontrei foi a importante presença do cavalo no gênero da literatura infanto-juvenil dos EUA que pode ser designado pelo nome, *tomboy literature*, que se remete a uma construção cultural norteamericana desde o século XIX, de uma literatura protagonizada por “meninas que sempre quiseram ser meninos, meninas que gostariam de não ser aquilo que se entendia por ‘meninas’, até meninas que desprezavam todas essas distinções (entre meninos e meninas) e queriam, simplesmente, ser livres e sem gênero”. [McEwen, 1997:XI]

mediáticas), o *status* de celebridade, entre outros, produzem mensagens bem mais ambivalentes sobre *o que pode ser* uma mulher atleta.¹²

Contudo, a participação das amazonas do hipismo clássico num mundo esportivo de abertura relativamente recente para as mulheres está também condicionada pelo seu pertencimento a camadas sociais privilegiadas, que possuem recursos materiais e *capital cultural* que tendem a favorecer a quebra de barreiras historicamente impostas pela dominação masculina.¹³ Daí a relevância particular de estudar o envolvimento de meninas/mulheres de camadas populares nos esportes equestres - não só por elas pertencerem a uma parcela numericamente maior da população brasileira, senão por constituir parte de uma categoria social que não vem sendo identificada como a “vanguarda” das transformações socio-culturais relativas ao gênero, pode potencialmente nos dizer muito sobre o avanço das mesmas sobre a sociedade como um todo. E inclusive, porque num contexto relacional, sua convivência “intra-classe” - pais, irmãos, colegas e possivelmente também, seus namorados e cônjuges - se daria exatamente com os homens que têm sido identificados como os “mais resistentes” às mudanças nas relações de gênero e o desmantelamento da dominação masculina (Oliveira, 2003; Ribeiro e Ferraz, op.cit.). O mundo do turfe parece ser uma boa instância para ativar tal proposta de pesquisa, sendo que os jóqueis - tanto

¹² Percebemos com clareza como opera, no atual mundo do esporte espetacularizado, a reprodução de um padrão estético e comportamental que é reforçado também em muitos espaços do cotidiano e disseminado pela mídia – sobre “o que é uma mulher” – um corpo com determinadas proporções e dimensões, uma mulher desejável e invejável nos termos de uma feminilidade determinado pelo olhar masculino e heterossexista e que se mantém como discursivo hegemônico, agindo sobre as meninas e as mulheres, moldando identidades e subjetividades aos seus desígnios. Pode ser, como disse a Kehl, falando sobre outro momento, que muitas mulheres “gozaram da feminilidade” construída historicamente pelos homens, e de fato não há muito lugar para dúvidas respeito ao grande investimento de muitas mulheres atuais nos discursos hegemônicos, que empurra o “projeto do corpo” esteticamente padronizado para o mais elevado lugar na lista de prioridades, para a construção de identidades e subjetividades

¹³ Uma consideração mais aprofundada do entrecruzamento de relações de classe e gênero fará parte da discussão teórica que informa esta pesquisa.

historicamente quanto no momento atual – são em grande parte pessoas oriundas das classes populares.¹⁴

4. “Joquetas”, veterinárias e relações de gênero do contexto interacional do Jockey Club do Paraná.

O Jockey Clube do Paraná foi fundado em dois de dezembro de 1873 e, em 10 de dezembro de 1955 inaugurou sua atual sede no bairro do Tarumã. Hoje, 52 anos depois, após ter passado por anos de grande movimento e sucesso, como um importante ponto de encontro familiar para a classe média curitibana, se encontra em visível decadência com corridas apenas duas vezes ao mês e com pouco público, baixo número de apostas, funcionários e jockeys mal pagos e poucos proprietários interessados em manter cavalos nas cocheiras. A maior parte dos nossos entrevistados¹⁵ entende esse declínio como consequência do desinteresse nacional, crescente nas últimas décadas, pelo turfe e com o fim da transmissão de pai para filho do gosto pelo esporte. Foram muitas vezes repetidas, em tom fatalista, opiniões parecidas sobre a passagem da “grande época” turfista para a história: aos “brasileiros de hoje”, é o futebol que interessa, e ao fato das corridas não conseguirem mais atrair muito público, acrescenta-se o “detalhe” das corridas ocorrerem hoje na sexta feira a noite e não mais aos

¹⁴ O trabalho de Melo (1995) fala da origem humilde dos primeiros jóqueis brasileiros e o fato da sua participação esportiva se constituir como forma de ascensão social; minhas primeiras “idas ao campo” tendem a confirmar pouca mudança em termos de origem social, mas maiores dificuldades de efetivamente obter ascensão social através do exercício da profissão.

¹⁵ As entrevistas fazem parte de pesquisa etnográfica (em andamento) iniciada em maio de 2006. Frequentando corridas, leilões e o cotidiano dos bastidores do JCP, entre nossos entrevistados formais (gravadas) incluem-se: proprietário de cocheira de “família tradicional” do JCP, administrador da parte financeira do Club, duas veterinárias, três “joquetas” (uma das quais corre em SP), uma treinadora, um ex-jockey atualmente treinador/domador, a filha de um dos mais reconhecidos treinadores “veteranos” do JCP, um proprietário de cavalo de corrida que já foi membro da diretoria do JCP e cujo filho trabalha como diretor de comunicação social e marketing do club, e três apostadores na terceira idade que há muitos anos o frequentam. Além disso, foram inúmeras conversas informais e incontáveis horas de “observação participante.” Nestes momentos informais, as conversas incluíram uma população ainda

domingos a tarde, dia em que o movimento costumava ser mais familiar, ajudando na “renovação” (geracional) do clube.

Recentemente foi veiculada em um programa na filiada paranaense da rede globo, chamado RPC Revista, uma matéria sobre o JCP no qual apareceram proprietários, jockeys e freqüentadores: sintomaticamente, todos de sexo masculino. Assim, podemos dizer que a caracterização do espaço pela reportagem como unicamente masculino vem a reforçar e naturalizar a percepção de sua construção histórica como espaço masculino. Ou seja, a crescente participação feminina – que inclui o a cada dia maior número de veterinárias (entre as várias já estabelecidas e as estagiárias que passam períodos trabalhando numa das três ou quatro clínicas que existem dentro do Club), duas treinadoras, uma cavaleira e duas joquetas, assim como funcionárias que trabalham em diversas funções administrativas e comerciais, continua sendo, além de minoritária, fácil de “invisibilizar”, sugerindo também a relevância de considerar a relação entre a interação cotidiana no Club e uma cultura de “homossociabilidade masculina”, um espaço de lazer e trabalho no qual homens constroem relações de amizade através do jogo, do gosto pelo esporte e pelo cavalo. Por outro lado, pode ser pertinente enfatizar que assistir corridas ou sessões de treinamento nos bastidores do Club, fazer apostas e freqüentar leilões por exemplo, tornam-se formas de convivência masculina que na maior parte dos casos envolve muito mais participação no que poderiam ser considerado de “rituais de sociabilidade” do que um exercício físico esportivo “viril” ou uma participação direta no treinamento e cuidado de cavalos.

Ao pensar sobre as bases da construção de laços entre homens de classes e posições sociais diferentes, ou seja, de uma identificação subjetiva comum capaz de

mais diversa, desde o diretor da Escola de Aprendizes do JCP, encarregado de cocheira e até a mãe de uma joqueta.

suspender, mesmo que temporariamente, grandes desigualdades, conseguimos detectar não só o laço construído em relação aos cavalos ou o gostar do mundo excitante das corridas, senão um significado especial que ambos adquirem para os homens - cavaleiros, domadores e jockeys, entre outros – que ganham a vida através das actividades realizadas lá. Por exemplo, Josué, ex-jockey e atual treinador de cavalos no JCP expressou com clareza um sentimento que parecia ser compartilhado por alguns de seus pares quando comparou suas experiências de funcionário de empresa com seu status de trabalhador *com conhecimento* dentro do turfe:

Tu vai trabalhar fora as pessoas te maltratam porque todo mundo tem estudo, tu não sabe fazer aquele negocio lá tu só sabe mexer com cavalo; ai tu vai sofrer, daí eu vi o sofrimento daquelas pessoas daí eu digo pra mim não me serve isso ai, e eu comentava com as pessoas lá como é que era o nosso estilo de trabalhar no turfe, como é que era a nossa relação com os proprietários com os patrão é totalmente diferente.

Assim, ele conclui, para pessoas – como ele e seus irmãos – com pouco estudo, de origem rural e que gostam do trabalho com o cavalo, o turfe oferece uma oportunidade muito particular, de terem um emprego prazeroso que os realiza individualmente e no qual são respeitados por pessoas de diferentes classes sem terem que submeter ao domínio - entendido como humilhante - de relações hierárquicas tão rígidas como de patrão e empregado¹⁶. Desta maneira, parece que o turfe - e o JCP em particular - torna-se um espaço onde estreitam-se laços entre homens e vive-se uma “amizade”, como disse Josué, “puxada pelo cavalo”. É esta relação fraterna entre pessoas de diferentes estratos sociais limitada espacialmente pelos muros do JCP que nos remete ao conceito de *homem cordial* de Holanda (op.cit): aquele indivíduo

¹⁶ Ver Durham (1973). *A Caminho da cidade; a vida rural e a migração para São Paulo* sobre o conflito entre a ética de trabalho rural tradicional e a ética urbana moderna

“tipicamente brasileiro” que pela leniência do trato e desrespeito por formalidades sociais se socializa com todos no mundo público de maneira íntima e familiar, de modo a passar por cima de preconceitos, sem, no entanto, nunca realmente desconstruí-los.

Por outro lado, nenhum dos nossos entrevistados falou em termos negativos sobre a participação feminina no meio. Muito pelo contrário, se representaram como “solidários” aos esforços femininos de incursão neste espaço. Só uma vez ouvimos comentários que exprimiam rivalidade ou hostilidade à participação das joquetas, o que ocorreu em conversa informal com um jockey veterano. Este falou num tom de certo rancor sobre supostas vantagens delas em relação ao “menor peso”, o que fez um contraste com, por exemplo, a preocupação expressa por outras pessoas (no caso, um domador e um tratador) com a capacitação de uma joqueta que ainda, segundo eles, precisava dos seus conselhos e dicas para melhorar sua técnica e se torna mais competitiva.¹⁷

Ao voltarmos para as experiências das mulheres, percebemos que os caminhos traçados pelas três joquetas entrevistadas - Luciana Vitória, Bárbara e Joseane¹⁸ - e a treinadora Gisele possuem algumas semelhanças marcantes, como em seguida veremos. As três joquetas são originalmente da região rural do sul do país. Bárbara e Joseane vem do interior do Rio Grande do Sul e Luciana do norte do Paraná; a treinadora Gisele nasceu em São Paulo, mas também é de família do sul rural. É notável que nestas quatro histórias, o gosto pelo cavalo, a montaria e o gosto pelo turfe foram relatados com sendo “transmitidos pelo pai”. O pai de Joseane, por exemplo, é um jockey aposentado que hoje trabalha como treinador. Seu irmão mais velho também é jockey. Costumava

¹⁷ Anotações do diário de campo.

¹⁸ As duas primeiras joquetas trabalhavam no JCP – Bárbara continua correndo, enquanto Luciana se afastou do JCP este ano após vários anos de dificuldades; a terceira, Joseane, corre no Jockey Club de São Paulo, considerado um dos dois mais importantes do país (posição que compartilha com a Gâvea, do Rio de Janeiro.) O Jockey Club de São Paulo, que oferta quatro encontros semanais é o lugar onde, segundo

ajudar o pai com a lida e o cuidado dos cavalos, ocasionalmente montando para ele em corridas de cancha reta. Quando ele foi montar no Rio de Janeiro o pai teve dificuldades em achar alguém para trabalhar.

“É muito difícil de trabalhar com ele, uma pessoa que de certo com ele é muito difícil porque ele é muito exigente, ele é bravo, ele é difícil um cara difícil de trabalhar. E quando meu irmão foi pro Rio foi onde eu voltei, porque nenhum jockey que tinha na cidade onde eu morava dava certo com ele. E eu dava, tudo bem que eu era verdinha, não sabia muito, mas eu dava certo. Foi ai que ele me pegou mais pra me ensinar ‘vou acabar de ensinar você porque você é a única que da certo comigo’” (Joseane).

O caso de Joseane tem a particularidade dela ter a família inserida no mundo do turfe teve vantagens tanto no aprendizado das habilidades necessárias para o esporte como para a socialização dentro deste meio. Quando entrou na escolinha de jockeys do Rio de Janeiro era a única menina. Tinha apenas 16 anos, idade média para a entrada em qualquer escolinha. Ela relata que não podia morar na escolinha (que funciona em sistema de internato), já que não existia alojamento feminino. Para contornar a situação, sua mãe se mudou com ela para o Rio de Janeiro, acompanhando a filha todas as manhãs de trabalho e corrida e assim mostrandose realmente solidária, a despeito de sua apreensividade inicial relativa ao envolvimento da Joseana nesta profissão.

O universo dos Jockey Clubes, além de ser predominantemente masculino, é retratado pelas nossas entrevistas como um espaço fechado onde a “fofoca” é uma prática muito comum. É, segundo elas, um microcosmo no qual uma das piores coisas que podem acontecer para uma pessoa, principalmente para uma garota, é “ficar falado”- tanto no sentido de ser um(a) mal/má profissional quanto com sentidos

nossos entrevistados, os jockeys e as joquetas podem ganhar mais dinheiro, e desta forma se constitui como “ponto de chegada” para os/as que anseiam o sucesso no campo.

sexualizantes que frequentemente se aplica as mulheres (de ser “fácil”, de não “se dar ao respeito”) como forma de julgamento ou desqualificação moral. Joseane notava isto e explicou que o fato dela estar sempre acompanhada pela mãe “impunha respeito”. Mas as investidas por parte dos colegas e superiores são muito comuns e podem representar um empecilho muito grande para a participação das mulheres no turfe, como forças que constroem e que fazem com que elas não sejam tratadas de “igual para igual” como diz Luciana Vitória. Vale notar que o termo, “igual para igual”, tem nesse discurso uma significação muito relevante pois representa o anseio das jóqueis de serem tratadas da mesma maneira que seus pares de sexo masculino: não serem sexualizadas ou consideradas “mulheres” antes de profissionais, pois como elas apontaram, desde a “escolinha” [de aprendizes] trabalham o mesmo número de cavalos, acordam no mesmo horário e fazem tudo igual a seus colegas. As investidas por parte de companheiros de trabalho parecem assim representar para elas um dos maiores obstáculos – de fato, poderoso mecanismo de constrangimento que se encena no cotidiano – para a realização do ideal de “igual para igual”, assim como para conseguir montaria nas corridas e mesmo para se provarem capazes. Barbara expressou isto quando disse que “*Nossa profissão ainda tem muito machismo, então tipo você tem que perdoar muita coisa entendeu*”; com uma preocupação parecida, Joseane – em tom muito reflexivo - compartilhou conosco o seguinte pensamento:

As meninas são muito novas, então acho que elas tem que ter muita cabeça no lugar para se destacar na profissão porque se escorrega, entendeu deixar ficar mal falada entendeu, dar abertura a outras coisas, a pessoa não vai pra frente. Porque assim no início como todo mundo quer dali um pouquinho todo mundo enjoa, e você não cresce. Eu sempre falo pras meninas quando chegam lá ‘olha só vai cair muito homem em cima de vocês, isso é a coisa mais normal, mas nenhum deles tá com assim com boas intenções todos com má, más intenções. Mas você tem que saber lidar, você não pode tirar um treinador, tirar, você tem

que saber sair sem magoar ninguém'. Porque, porque às vezes você pode dizer pro cara não quero nada com você, e acabar perdendo montaria e não é o caso, você não quer nada com ele mas as montarias dele você tem que querer.

É interessante de ver que as veterinárias que entrevistamos (pertencentes a maior categoria de mulheres profissionais atuantes dentro do turfe paranaense) fazem observações que reforçam o que percebemos sobre a situação das joquetas. Uma das duas veterinárias “pioneiras” do JCP, que ainda com menos de 40 anos tem hoje uma considerável trajetória desde que começou sua luta inicial para ser uma profissional respeitada até estabelecer uma das mais reconhecidas clínicas veterinárias que opera dentro del Club, contrastou a situação sua (e de suas colegas veterinárias) com a das garotas que se tornam joquetas, que sofrem de um desamparo maior perante o preconceito de um meio masculino, por serem caracteristicamente, muito novas, “de famílias humildes” e sem um status profissional claro:

Tem, tem essa questão também que elas são mais novas, elas saem normalmente também de uma família mais humilde, duma coisa assim... então... pode-se, ou se incorre muito fácil o risco de uma pessoa dessa ficar deslumbrada com o meio onde... sempre falo, um proprietário de cavalo gasta 100, 150 mil reais num cavalo como a gente compra uma calça jeans! Né, então, essa... não só o preconceito mas também acho que deve mexer muito com a cabeça dessas meninas muito novas isso assim, sabe? ...Então eu imagino que pra uma pessoa mais humilde, que tá começando, ainda mais mulher, novinha, bonitinha, que tem que ter um corpo... arrumadinho...

Há ainda uma outra forma de participação feminina que, ainda minoritária, representa as novas oportunidades que as mulheres podem criar para si dentro do mundo do turfe: o de treinadora. Identificamos duas dentro do JCP – uma, mais experiente, que até a data não conseguimos entrevistar, e a jovem Gisele. Ambas, segundo as

informações que obtivemos, têm participação no mundo do turfe vinculada à história familiar.

Dentro da hierarquia dos bastidores do JCP a função de treinador(a) tem maior autonomia do que é a de jockey ou joqueta, o que a aproxima de certa forma à das veterinárias(os) (mesmo sem gozar do status de uma profissão como a de medicina veterinária, o que é evidente). Assim, viabiliza-se uma situação como a observada pela treinadora Gisele, quando assinala que as mulheres nesta função têm maior liberdade para se exercer, argumentando que *“Existe mais preconceito como joqueta do que como treinadora, entende? Treinador ... você tem os cavalos se você quer ter, você tem o cavalo do cara; se você acha que o cara tá te incomodando, então é assim né [você se livra da pessa]. Agora o jockey não; o jockey tem que obedecer, abaixar a cabeça pros treinadores e concordar com tudo”*.¹⁹

A origem de Gisele é, como a da jockey Joseane, a de uma família vinculada ao turfe. Filha de treinador de cavalos, tem dois irmãos mais velhos que são jockeys e já sonhou ser joqueta, quando mais nova. Gisele relata que sua mãe, que já se sentia apreensiva com a profissão dos outros dois filhos, impediu que sua filha entrasse na escolinha de aprendizes do Jockey Club como era seu desejo à idade de 14 anos. Mesmo assim, ela não abandonou o ambiente do turfe, e ainda muito jovem começou a trabalhar os cavalos do pai. Finalmente, conseguiu tirar sua matrícula como treinadora. Coincidentemente, obteve a matrícula justo no momento em que seu irmão, que no momento cuidava da cocheira do pai, foi chamado pra trabalhar em São Paulo. Desta forma, aos 20 anos, tornou-se treinadora responsável pela cocheira da família, que hoje é praticamente sua. É assim que Gisele relata sua trajetória até hoje, que a permite

¹⁹ Independentemente do caráter mais ou menos verossímil desta leitura da posição das joquetas, é importante perceber que as joquetas não se enxergam como “passivas” senão esforçam-se constantemente para enfrentar as circunstâncias com “jogo de cintura” e desenvolvem estratégias para conseguir montarias, contratação por cocheiras e, acima de tudo, respeito.

realizar sua paixão, de trabalhar com o cavalo. Ela avalia as recompensas e as dificuldades que representa, para ela, neste momento em que a vida que o turfe oferece é instável e de futuro incerto:

“É complicado. Mesmo que financeiramente você não esteja tendo lucros, [...] é uma paixão tão grande que eu não me vejo assim sem ter pelo menos um animal correndo, sabe? É uma emoção que não tem explicação, [de] eu preparar um cavalo dia de corrida, ver principalmente distância, mais distância longa que eu gosto muito de ver, então eu gosto demais, demais! Eu não sei me ver fazendo outra coisa.”

Em consonância com a leitura que Gisele, quando ressalta que a despeito das dificuldades, o mundo do turfe produz estímulos próprios que geram a coragem e a determinação necessárias para continuar em frente, todas as garotas afirmam que a vida de joqueta, embora muito difícil - por estarem inseridas em um ambiente masculino, num esporte exigente, perigoso e ao mesmo tempo mal remunerado- as continua atraindo. Elas persistem, nos seus relatos, pelo amor ao esporte e seus desafios e ao animal. Destaca-se nas suas falas, a maneira pela qual a idéia de *paixão de vida* é construída. Além do gosto ter sido passado em todos os casos “patrilinaramente” desde muito cedo, e desta forma iniciar uma incursão num mundo tipicamente masculinos, elas exprimem sua amor por uma raça de cavalo (o puro sangue inglês) considerada mais imprevisível, rebelde e rápida. Não só afirmaram “gostar menos de outras raças de cavalo” senão de preferir lidar e montar, como disse Joseana, “os cavalos mais bravos” e difíceis.

Todas se percebem sustentando uma *diferença* significativa em relação àquilo que percebem como uma “cultura feminina” de menor risco e aventura, elaborando nas suas falas alguns contrastes com “a maior parte” das mulheres. Isto parece ter relação com as próprias experiências familiares, pois as quatro encontraram alguma resistência

por parte da mãe quando quiseram ser jóquei, como nota Gisele quando relembra que a sua mãe “... *costuma dizer que é a única profissão que a ambulância corre atrás*”. Assim, enquanto elas demonstram compreensão de suas mães – como as que assumem realizar o papel de tentar prevenir, proteger e cuidar das filhas – identificam-se com a *atitude* do pai, quem lhes propiciou o estímulo à realização pessoal através da sua paixão pelo esporte e pelo cavalo. Todas elas acreditam que as mulheres são capazes de se inserir no mundo do turfe, mas ao mesmo tempo enxergam o caminho como muito difícil. Percebem-se como raridades²⁰ dentro de seu sexo uma vez que não questionam idéias culturalmente disseminadas sobre como “são as mulheres”²¹. Assim, acreditam que poucas mulheres seriam capazes de serem joquetas, profissão que, segundo elas, exige muito “dom”, persistência, paixão e abnegação não só pelo trabalho fisicamente árduo e mal pago, mas principalmente pelo cotidiano marcado por estratégias sutis de poder e exclusão através da deslegitimação, do descrédito, da ironia e da zombaria (cf. Soihet, 2001) São garotas que não imaginam a vida longe do turfe, mesmo sem necessariamente abandonar outras aspirações que a vida do turfe pode dificultar, como o casar ou ter filhos. Joseane, por exemplo, é casada com um homem que é também jockey; Bárbara, mãe solteira desde a adolescência, casou-se recentemente com um treinador do JCP. Gisele participou da entrevista em uma noite de corrida em sua cocheira com a sua filha mais nova, Yasmim de cinco meses, no colo. Como as mulheres atletas de outros campos esportivos, podem por vezes querer reafirmar seu pertencimento de gênero – como quando Luciana Vitória, Bárbara e Joseane correm com roupas ou capacetes cor-de-rosa; como outras mulheres com profissões que exigem de compromisso fora de horários e situações mais comuns, mobilizam recursos familiares que as auxiliam neste difícil labor. O fato de tê-los – de encontrar o apoio de

²⁰ Luciana Vitória diz ser uma “ovelha negra”.

²¹ Mesmo que com suas vidas e suas práticas o façam.

familiares, entre os quais a mãe costuma ser a primeira a ser mencionada ²²- é com certeza, um fator importante num mundo no qual ainda há pouco apoio, público e/ou cultural, para as corajosas pioneiras que atravessam as fronteiras historicamente traçadas que separam “o feminino” do “masculino”.

5. Finalizando....

Quando as jovens jóqueis aparecem na mídia esportiva brasileira, geralmente ocorre através de reportagens que elogiam sua beleza e boa forma e discorrem sobre seu uso de maquiagem ou como cultivam uma “ vaidade feminina” (cf. Brandao, 2001)²³. Mas nas narrativas de nossas informantes, tais preocupações aparecem muito pouco. Em lugar de reproduzir mecanicamente o discurso corrente sobre a diferença e o artifício feminino que a imprensa brasileira contemporânea dissemina ativamente na sua ansiedade de “reconciliar” a feminilidade com o performance atlético feminino profissional, exprimem nos seus relatos preocupações muito diferentes. De maneira parecida com a treinadora e as veterinárias entrevistadas, enfatizavam, ao contar suas histórias, seus anseios para com a superação de obstáculos ao sucesso profissional, assim como com a conquista de oportunidades e respeito num ambiente onde a participação feminina continua muito difícil.

O número de jóqueis de sexo feminino no Brasil continua pequeno, contrastando por exemplo com a maior visibilidade conquistada pelas jóqueis de países anglofones (EUA e Grã Bretanha em particular). Embora continue havendo meninas que acedem às escolas de aprendizes mantidas dentro dos recintos dos Jockey Clubes

²² Nos casos de Gisele e Bárbara, o arranjo familiar é de clara importância, sendo que são suas mães as que cuidam dos seus filhos em horários que permitem seu envolvimento profissional.

²³ Atualmente preparamos outro trabalho que focaliza especificamente a representação mediática das jóqueis.

brasileiros, o futuro das mulheres neste campo específico dos esportes equestres tampouco garante grandes perspectivas, inclusive porque o campo do turfe brasileiro como um todo sofre hoje da incerteza quanto às suas possibilidades de crescimento ou mesmo de manutenção. Contudo, se à valorização global das jóqueis acrescentar-se a uma procura de novas gerações de meninas e mulheres interessadas no turfe, assim como novos progressos das mulheres brasileiras noutros campos da vida esportiva e cultural, poderemos esperar a emergência de novos nomes e destaques femininos nos próximos anos e com isto, novas contribuições à ardua tarefa da “desconstrução” de noções ainda hegemônicas que agem para restringir os desejos e as práticas das mulheres.

Bibliografia:

- ADELMAN, Miriam (2006) “Mulheres no Esporte: Corporalidades e Subjetividades”. *Revista Movimento*. Porto Alegre
- ADELMAN, Miriam. (2003) “Mulheres Atletas: Re-significações da Corporalidade Feminina?” *Revista Estudos Feministas*. Florianópolis: CFH/CCE/UFSC. Vol. 11, no. 2, pp. 445-265.
- ADELMAN, Miriam (2004^a) *A Voz e a Escuta: Encontros e Desencontros entre a Teoria Feminista e a Sociologia Contemporânea*. Tese de Doutorado defendida na UFSC (Doutorado Interdisciplinar em Ciências Humanas) Florianópolis: maio.
- ADELMAN, Miriam. (2004b) “O desafio das amazonas: a construção da identidade de mulheres como atletas e amazonas do hipismo clássico (salto) brasileiro”. Em: Simões, A.C., e Knijik, Jorge D., *O Mundo Psicossocial da Mulher no Esporte: Comportamento, Gênero, Desempenho*. São Paulo: Editora Aleph. (pp.277-304)
- ALMEIDA, Miguel Vale do. (2000). *Senhores de Si: Uma Interpretação Antropológica da Masculinidade*. Lisboa: Fim de Século Edições.
- ARILLHA, M., RIDENTI, S., MEDRADO, B., orgs. (1998) *Homens e Masculinidades: Outras palavras*. São Paulo: Ecos/Editora 34.
- BARKER, Gary T. (2005) *Dying to be Men: Youth, Masculinity and Social Exclusion*. London/New York: Routledge.
- BIRRELL, Susan e MC DONALD, Mary. (2000) *Reading Sport: Critical Essays on Power and Representation*. Boston: Northeastern University Press.
- BORDO, Susan. (1994) “Feminism, postmodernism, and gender skepticism” In: Nicholson, Linda J., org. *Feminism/postmodernism: Thinking gender*. New York: Routledge. Pp. 133-156.

BORDO, Susan. (1997) *Twilight Zones: the Hidden Life of Cultural Images from Plato to OJ*. Berkeley: University of California Press.

BRANDAO, Túlio. (2001) "A professorinha do turfe carioca: maquiagem e perfume completam J.Goulart, única joqueta em atividade no Rio". *Jornal do Brasil on line*. <http://jbonline.terra.com.br/jb/papel/paginadois/2001/10/17/jorpg220011017001.html>

BRUMBERG, Joan Jacobs. (1997) *The Body Project: an Intimate History of American Girls*. New York: Random House.

BUTLER, Judith. (1990) *Gender Trouble: Feminism and the Subversion of Identity*. New York/London: Routledge.

CECCHETTO, Fátima Regina. (2004) *Violência e Estilos de Masculinidade*. RJ: Editora FGV.

CONNELL, Robert W. (1995^a) *Masculinities*. Berkeley: University of California Press.

CONNELL, Robert W. (1995^b) "Políticas da Masculinidade". *Revista Educação e Realidade*. V.20, n.2. Especial: Gênero e Educação.

DAVIS, Janet M., (2002) *The Circus Age: Culture & Society under the American Big Top*. Chapel Hill/London: University of North Carolina Press.

DURHAM, Eunice R. (1973). *A caminho da cidade. A vida rural e a migração para São Paulo*. 2. ed. São Paulo: Ática.

FESTLE, Mary Jo. (1996) *Playing Nice: Politics and Apologies in Women's Sports*. New York: Columbia University Press.

GOELLNER, Silvana. (2004) "Mulher e Esporte no Brasil: Fragmento de uma História Generificada". Em: Simões e Knijik pp. 359-374.

HALL, Stuart (SOVIK, Liv, organizadora) (2003) *Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais*". Belo Horizonte:UFMG.

JARVIE, Grant and MAGUIRE, Joseph. (1994) *Sport and Leisure in Social Thought*. London/New York: Routledge.

KEHL, Maria Rita. (1998) *Deslocamentos do Feminino: a Mulher Freudiana na Passagem para a Modernidade*. Rio de Janeiro: Imago.

KRONE, Julie e RICHARDSON, Nancy Ann. (1995) *Riding for My Life*. Boston/New York/Toronto/London: Little, Brown and Company.

KOSOFKY SEDGWICK, Eve. *Between Men: English Literature and Male Homosocial Desire*. New York: Columbia University Press. (Gender and Culture Series)

LE COMPTE, Mary Lou. (1993) *Cowgirls of the Rodeo: Pioneer Professional Athletes*. Urbana/Chicago: Illinois University Press.

LORBER, Judith. (1994) *Paradoxes of Gender*. New Haven: Yale University Press.

LOW, Setha, and LAWRENCE-ZUNIGA, Denise. (2003) *The Anthropology of Space and Place: Locating Culture*. Blackwell Publishers.

MASSEY, Doreen. *Space, Place and Gender*. (1994) Minneapolis: University of Minnesota Press.

MELO, Victor Andrade de. "Possíveis representações sobre o turfe na sociedade carioca do século XIX". <http://www.efdeportes.com/efd9/turf91p.htm>

MAGUIRE, Joseph. (1999) *Global Sport: Identities, Societies, Civilization*. Cambridge: Polity Press.

MC EWEN, Christian. (1997) *Jo's Girls: Tomboy Tales of High Adventure, True Grit and Real Life*. Boston: Beacon Press.

OLIVEIRA, Pedro Paulo (2004) *A Construção Social da Masculinidade*. Belo Horizonte: Editora UFMG.

RIBEIRO, Claudia Regina e FERRAZ, Vera Helena (no prêlo-2007). "O novo homem na mídia: ressignificações por homens docentes". *Revista Estudos Feministas*.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. (2000) "As infinitas descobertas do corpo". *Cadernos Pagu*. (14) Campinas: Unicamp. pp.235-249.

SCOTT, Joan (1990). "Gênero: uma categoria útil de análise histórica". *Revista Educação e Realidade*. Porto Alegre, 16 (2):5-22, jul/dez.

SOIHET, R. (2001) Sutileza, Ironia e Zombaria. Instrumentos no Descrédito das Lutas das Mulheres pela Emancipação. *Saúde Sexo e Educação*, Rio de Janeiro, v. 25, p. 24-34.

WILSON, Elizabeth (1991) *The Sphinx in the City: Urban Life, the Control of Disorder, and Women*. Berkeley/Los Angeles/Oxford: University of California Press.

Miriam Adelman é professora do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal do Paraná desde 1992, tem M.Phil em Sociologia de New York University e Doutorado em Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina.

Fernanda Moraes é graduanda em Ciências Sociais (UFPR) e participa como bolsista de iniciação científica do projeto de pesquisa que deu origem ao presente artigo

